

# AVISO DO GENERAL PATTON E O SEU ASSASSINATO PELOS JUDEUS

O General Eisenhower era judeu. Pela sua própria confissão, Eisenhower é retirado de Eisenhauer, um apelido judaico.

"No anuário de graduação da classe militar de Eisenhower da Academia Militar de West Point, publicado em 1915, Eisenhower é identificado como um "terrível judeu sueco". Não é surpresa que o Kasher fosse dono da Casa Branca com o Presidente Franklin Delano Roosevelt, que ele próprio era de ascendência judaico-holandesa e o seu pessoal parecia saído de uma lista das sinagogas.

<https://web.archive.org/web/20211016202749/http://expondocomunismo.bucurialuisatan.com/sol-negro-666-inicio/>

"Em 1943, Washington não só transferiu o Coronel Eisenhower para a Europa como também o promoveu no lugar de mais de 30 oficiais superiores mais experientes, a um general de cinco estrelas e colocou-o no comando de todas as forças dos EUA na Europa.

Este "General" ordenou pessoalmente o genocídio de 1,7 milhões de soldados Alemães após o fim da guerra nos seus campos para prisioneiros de guerra.

Os campos da morte de Eisenhower:

[http://www.ihr.org/jhr/v10/v10p161\\_Brech.html](http://www.ihr.org/jhr/v10/v10p161_Brech.html)

---

## AVISO DO GENERAL PATTON

No final da Segunda Guerra Mundial, um dos principais líderes militares Americanos avaliou com precisão a mudança no equilíbrio do poder mundial que essa guerra tinha produzido, e previu o enorme perigo de agressão comunista contra o Ocidente. Sozinho entre os líderes Americanos, advertiu que a América deveria agir imediatamente, enquanto a sua supremacia era inatacável, para pôr fim a esse perigo. Infelizmente, o seu aviso não foi atendido, e foi rapidamente silenciado por um conveniente "acidente" que lhe tirou a vida.

Há trinta e dois anos atrás, no terrível Verão de 1945, o exército Americano tinha acabado de completar a destruição da Europa e tinha criado um governo de ocupação militar no meio das ruínas para governar os Alemães famintos e fazer

justiça aos vencidos. O General George S. Patton, comandante do Terceiro Exército dos EUA, tornou-se governador militar da maior porção da zona de ocupação Americana da Alemanha.

Patton era considerado o general mais militante de todas as forças aliadas. Era consideravelmente mais audacioso e agressivo do que a maioria dos comandantes, e a sua ferocidade marcial pode muito bem ter sido o factor decisivo que levou à vitória dos Aliados. Ele comandou pessoalmente as suas forças em muitas das batalhas mais duras e decisivas da guerra: na Tunísia, na Sicília, na rachadura da Linha Siegfried, em travar o avanço alemão durante a Batalha do Bulge, e nos combates excepcionalmente sangrentos à volta de Bastogne em Dezembro de 1944 e Janeiro de 1945.

Durante a guerra, Patton respeitou a coragem e as qualidades de luta dos Alemães, especialmente quando os comparou com alguns dos aliados da América, mas também engoliu inteira a propaganda de guerra inspirada pelo ódio gerada pelos mestres dos meios de comunicação alienígenas da América, os Judeus. Ele acreditava que a Alemanha era uma ameaça à liberdade da América e que o governo Nacional-Socialista Alemão era uma instituição especialmente má. Agindo com base nestas crenças, ele falou incessantemente do seu desejo de matar o maior número possível de Alemães, e instou as suas tropas a terem o mesmo objectivo. Estas exortações sanguinárias levaram à alcunha de "Sangue e Tripas" Patton.

Foi apenas nos últimos dias da guerra e durante o seu mandato como governador militar da Alemanha, - depois de ter conhecido tanto os alemães como os "galantes aliados Soviéticos" da América - que a compreensão de Patton sobre a verdadeira situação cresceu e as suas opiniões mudaram. No seu diário e em muitas cartas à sua família, amigos, vários colegas militares e funcionários do governo, Patton expressou a sua nova compreensão e as suas apreensões em relação ao futuro. O seu diário e as suas cartas foram publicados em 1974 pela Companhia Houghton Mifflin sob o título "The Patton Papers".

Vários meses antes do fim da guerra, o General Patton tinha reconhecido o temível perigo para o Ocidente colocado pela União Soviética, e tinha discordado amargamente das ordens que lhe tinham sido dadas para reter o seu exército e esperar que o Exército Vermelho ocupasse vastas extensões de território Alemão, Checo, Romeno, Húngaro e jugoslavo, que os americanos poderiam facilmente ter tomado em seu lugar.

A 7 de Maio de 1945, pouco antes da capitulação Alemã, Patton teve uma conferência na Áustria com o Secretário de Guerra dos EUA, Robert Patterson. Patton estava seriamente preocupado com a incapacidade Soviética de respeitar as linhas de demarcação que separam as zonas de ocupação Soviética e Americana. Também ficou alarmado com os planos em Washington para a desmobilização parcial imediata do Exército dos EUA. Patton disse a Patterson, "Vamos manter as nossas botas

polidas, baionetas afiadas, e apresentar uma imagem de força e poder ao Exército Vermelho". Esta é a única linguagem que eles compreendem e respeitam". Patterson respondeu: "Oh, George, há tanto tempo que estás tão perto desta coisa, que perdeste de vista o grande panorama".

Patton retornou: "Eu compreendo a situação. O seu sistema [Soviético] de abastecimento é inadequado para os manter numa acção séria como aquela em que eu lhes poderia pôr". Eles têm galinhas na capoeira e gado no casco - é esse o seu sistema de abastecimento. Eles poderiam provavelmente manter-se no tipo de luta que eu lhes poderia dar durante cinco dias. Depois disso, não faria diferença quantos milhões de homens eles têm, e se quisessem Moscovo, eu poderia dar-to. Eles vivem na terra que descia. Não lhes resta o suficiente para se sustentarem a voltar para trás. Não lhes vamos dar tempo para se abastecerem. Se o fizermos, então teremos tido uma vitória sobre os Alemães e desarmamo-los, mas falhámos na libertação da Europa; perdemos a guerra"!

Os conselhos urgentes e proféticos de Patton foram ignorados por Patterson e pelos outros políticos e apenas serviram para alertar sobre os sentimentos de Patton aos conspiradores alienígenas nos bastidores de Nova Iorque, Washington, e Moscovo. Quanto mais via dos Soviéticos, mais forte crescia a convicção de Patton de que a atitude correcta seria sufocar imediatamente o comunismo, enquanto a oportunidade existia. Mais tarde, em Maio de 1945, participou em várias reuniões e assuntos sociais com oficiais superiores do Exército Vermelho, e avaliou-os cuidadosamente. Ele anotou no seu diário a 14 de Maio: "Nunca vi em nenhum exército, incluindo o Exército Imperial Alemão de 1912, uma disciplina tão severa como a que existe no exército Russo. Os oficiais, com poucas excepções, têm o aspecto de bandidos mongóis recentemente civilizados".

O assistente de Patton, o General Hobart Gay, anotou no seu próprio diário de 14 de Maio, "Tudo o que eles [os Russos] fizeram impressionou-nos com a ideia de virilidade e crueldade".

No entanto, Patton sabia que os Americanos podiam chicotear os Vermelhos nessa altura, mas talvez não mais tarde. A 18 de Maio, anotou no seu diário, "Na minha opinião, o exército Americano tal como existe agora poderia vencer os Russos com a maior facilidade, porque, embora os Russos tenham boa infantaria, faltam-lhes artilharia, ar, tanques, e o conhecimento do uso das armas combinadas, enquanto que nós somos excelentes em todas estas três. Se for necessário corrigir os Russos, quanto mais cedo o fizermos, melhor". Dois dias depois, repetiu a sua preocupação quando escreveu à sua esposa: "Se temos de lutar contra eles, agora é a altura certa. De agora em diante, ficaremos mais fracos e eles mais fortes".

Patton reconheceu imediatamente o perigo Soviético e instou a uma linha de acção que teria libertado toda a Europa de Leste da operação Comunista. Esta acção, se tomada, teria gasto muito menos sangue Americano do que foi derramado na Coreia

e no Vietname, e teria evitado as duas guerras posteriores para não mencionar a Terceira Guerra Mundial. Patton passou então a apreciar a verdadeira natureza do povo pelo qual a Segunda Guerra Mundial foi travada: os judeus.

A maior parte dos judeus que invadiram a Alemanha imediatamente após a guerra vieram da Polónia e da Rússia, e Patton encontrou os seus hábitos pessoais escandalosamente incivilizados.

Ficou enojado com o seu comportamento nos campos para pessoas deslocadas [DP's], que os Americanos construíram para eles e ficou ainda mais enojado com a forma como se comportaram quando foram alojados em hospitais Alemães e em casas particulares. Observou com horror que "estas pessoas não compreendem as casas de banho e recusam-se a utilizá-las excepto como repositórios de latas de conserva, lixo e resíduos. Recusam-se, quando praticável, a utilizar latrinas, preferindo aliviar-se no chão".

Descreveu no seu diário um acampamento DP, "onde, embora houvesse espaço, os Judeus estavam apinhados de uma forma terrível, e em praticamente todas as salas havia um monte de lixo num canto que também era utilizado como latrina. Os judeus só eram forçados a desistir da sua maldade e a limpar a sujidade devido à ameaça das pontas das espingardas. Claro que conheço a expressão "tribos perdidas de Israel" aplicada às tribos que desapareceram, é minha opinião pessoal que esta também é uma tribo perdida, perda de toda a decência".

A impressão inicial de Patton sobre os judeus não melhorou quando ele assistiu a um serviço religioso judaico por insistência de Eisenhower. O seu diário de 17 de Setembro de 1945 diz em parte: "Esta foi a festa de Yom Kippur, pelo que todos eles foram recolhidos num grande edifício de madeira, a que chamaram sinagoga. Foi muito amável do General Eisenhower fazer um discurso para eles. Entrámos na sinagoga, que estava repleta do maior bando fedorento de humanidade que alguma vez vi. Quando subimos cerca de meio caminho, o rabino chefe, que estava vestido com um chapéu de pele semelhante ao usado por Henrique VIII de Inglaterra, e numa réplica fortemente bordada e muito suja, desceu e encontrou-se com o General. O cheiro era tão terrível que quase desmaiei e, na verdade, cerca de três horas depois perdi o meu almoço como resultado de o ter recordado".

Estas experiências e muitas outras convenceram firmemente Patton de que os judeus eram uma variedade de criaturas especialmente desagradável e dificilmente mereciam toda a preocupação oficial que o governo Americano lhes estava a conceder. Outra entrada no diário de Setembro, na sequência de uma exigência de Washington para que ainda mais habitações Alemãs fossem entregues aos judeus, resumiu os seus sentimentos: "Evidentemente, o vírus iniciado por Morgenthau e Baruch de uma vingança Semita contra todos os Alemães ainda está a funcionar. Harrison [um funcionário do Departamento de Estado dos EUA] e os seus associados indicam que consideram que os civis Alemães devem ser retirados das suas casas

com o objectivo de alojar Pessoas Deslocadas. Há dois erros nesta suposição. Primeiro, quando retiramos um indivíduo Alemão castigamos um indivíduo Alemão, enquanto que a punição não se destina ao indivíduo mas à raça. Além disso, é contra a minha consciência Anglo-Saxónica retirar uma pessoa de uma casa, o que é uma punição, sem o devido processo legal. Em segundo lugar, Harrison e os seus semelhantes acreditam que a Pessoa Deslocada é um ser humano, o que não é, e isto aplica-se particularmente aos judeus, que são inferiores aos animais".

Um dos factores mais fortes para endireitar o pensamento do General Patton sobre os Alemães conquistados foi o comportamento dos comunicação social da América, controlada, favorecendo-os. Numa conferência de imprensa em Regensburg, Alemanha, a 8 de Maio de 1945, imediatamente após a rendição da Alemanha, foi perguntado a Patton se planeava tratar as tropas SS capturadas de forma diferente de outros prisioneiros de guerra Alemães. A sua resposta foi: "Não. SS não significa mais na Alemanha do que ser um democrata na América". Isto não é para ser citado. Quero dizer com isso, que inicialmente o povo SS eram especiais filhos da p\*\*\* mas à medida que a guerra avançava, eles ficavam sem filhos da p\*\*\* e depois punham lá qualquer um. Alguns dos melhores homens das SS serão tratados como criminosos, mas não há razão para julgar alguém que tenha sido recrutado para este traje".

Apesar do pedido de Patton para que o seu comentário não fosse citado, a imprensa apreendeu-o avidamente, e os Judeus e os seus homens da frente na América gritaram indignados com a comparação de Patton das SS e do Partido Democrata, assim como com a sua anunciada intenção de tratar humanamente a maioria dos prisioneiros das SS.

Patton recusou-se, no entanto, a receber dicas da imprensa, e o seu desacordo com a política de ocupação americana formulada em Washington cresceu. Mais tarde, em Maio, disse ao seu cunhado: "Penso que esta não confraternização é muito estúpida. Se vamos manter soldados americanos num país, eles têm de ter alguns civis com quem falar". Além disso, penso que poderíamos fazer muito pelos civis Alemães, deixando os nossos soldados falar com os seus jovens."

Vários dos colegas de Patton tentaram deixar perfeitamente claro o que se esperava dele. Um oficial politicamente ambicioso, o Brigadeiro-General Philip S. Gage, ansioso por agradar aos poderes que lhe são conferidos, escreveu a Patton: "Claro que sei que mesmo os seus amplos poderes são limitados, mas espero que, onde e quando puder, faça o que estiver ao seu alcance para fazer sofrer a população Alemã. Pelo amor de Deus, por favor, nunca se amoleça em relação a eles. Nunca poderia haver algo que fosse demasiado mau para eles".

No entanto, Patton continuou a fazer o que pensava ser correcto, sempre que pôde. Com grande relutância, e apenas após repetidos pedidos de Eisenhower, ele tinha expulsado famílias Alemãs das suas casas para arranjar espaço para mais de um milhão de PD judaicas - parte dos famosos "seis milhões" que supostamente tinham sido gaseados - mas ele recuou quando lhe foi ordenado que começasse a explodir

fábricas Alemãs, de acordo com o infame Plano Morgenthau para destruir para sempre a base económica da Alemanha. No seu diário escreveu, "duvidei da conveniência de explodir fábricas, porque os fins para os quais as fábricas estão a ser explodidas, ou seja, impedir a Alemanha de se preparar para a guerra, podem ser igualmente bem alcançados através da destruição das suas máquinas, enquanto os edifícios podem ser utilizados para abrigar milhares de pessoas sem abrigo".

Da mesma forma, manifestou as suas dúvidas aos seus colegas militares sobre o esmagador ênfase que está a ser dado à perseguição de todos os Alemães que tinham sido anteriormente membros do Partido Nacional Socialista. Numa carta à sua esposa de 14 de Setembro de 1945, ele disse: "Oponho-me francamente a esta coisa de criminoso de guerra. Não é críquete e é Semítico. Também me oponho ao envio de prisioneiros de guerra para trabalhar como escravos em terras estrangeiras, onde muitos serão mortos à fome".

Apesar do seu desacordo com a política oficial, Patton seguiu as regras estabelecidas por Morgenthau e outros em Washington tão de perto quanto a sua consciência o permitiria, mas tentou moderar o efeito, o que o levou a um conflito crescente com Eisenhower e os outros generais politicamente ambiciosos. Numa outra carta à sua esposa, comentou: "Estive em Frankfurt para uma conferência do governo civil. Se o que estamos a fazer [aos Alemães] é "Liberdade, então dá-me a morte". Não consigo ver como os americanos podem afundar-se tão baixo. É Semítico, e tenho a certeza disso", e no seu diário anotou, "Hoje recebemos ordens, nas quais nos foi dito para darmos acomodações especiais aos Judeus. Se para os Judeus, então porque não para os Católicos, os Mórmons, etc.? Estamos também a entregar aos Franceses várias centenas de milhares de prisioneiros de guerra para serem utilizados como mão-de-obra escrava em França. É divertido recordar que combatemos a Revolução em defesa dos direitos do homem e da Guerra Civil para abolir a escravatura e agora voltámos atrás em ambos os princípios". Os seus deveres como governador militar levaram Patton a todas as partes da Alemanha e deram-lhe a conhecer intimamente o povo Alemão e a sua condição. Ele não pôde deixar de os comparar com os Franceses, os Italianos, os Belgas e até mesmo os britânicos. Esta comparação forçou-o gradualmente a concluir que a Segunda Guerra Mundial tinha sido travada contra as pessoas erradas.

Após uma visita a Berlim arruinada, escreveu à sua esposa a 21 de Julho de 1945: "Berlim deu-me os blues. Destruímos o que poderia ter sido uma boa raça, e estamos prestes a substituí-los por selvagens mongóis, e toda a Europa será comunista. Diz-se que durante a primeira semana após a sua tomada [Berlim], todas as mulheres que correram foram baleadas e as que não o fizeram foram violadas. Eu poderia tê-la tomado [em vez dos Soviéticos] se me tivessem permitido".

Esta condenação, de que os políticos o tinham usado e ao Exército dos EUA para um fim criminoso, cresceu nas semanas seguintes. Durante um jantar com o General francês Alphonse Juin em Agosto, Patton ficou surpreendido ao constatar que o

Francês estava de acordo com ele. A sua entrada no diário de 18 de Agosto cita o General Juin: "É realmente lamentável, mon General, que os Ingleses e os Americanos tenham destruído na Europa o único país sólido - e não me refiro à França. Por conseguinte, o caminho está agora aberto para o advento do comunismo Russo".

Entradas posteriores no diário e cartas à sua esposa reiteram esta mesma conclusão. A 31 de Agosto, escreveu: "Na verdade, os Alemães são as únicas pessoas decentes que restam na Europa. É uma escolha entre eles e os Russos. Prefiro os Alemães". E a 2 de Setembro, "o que estamos a fazer é destruir o único Estado semi-moderno na Europa, para que a Rússia possa engolir o todo".

Nessa altura, os Morgenthauistas e os monopolistas dos meios de comunicação tinham decidido que Patton era incorrigível e que devia ser desacreditado. Por esse motivo, começaram a persegui-lo na imprensa sem parar, a la Watergate, acusando-o de ser "brando com os Nazis" e recordando continuamente um incidente em que ele tinha esbofeteado um transeunte dois anos antes, durante a campanha da Sicília. Um jornal de Nova Iorque publicou a falsa afirmação de que quando Patton tinha esbofeteado o soldado que era judeu, tinha-o chamado de "judeu de barriga amarela".

Depois, numa conferência de imprensa a 22 de Setembro, os repórteres esboçaram um esquema para pressionar Patton, levando-o a perder a calma e a fazer declarações que poderiam ser usadas contra ele. O esquema funcionou. A imprensa interpretou uma das respostas de Patton às suas insistentes perguntas sobre a razão pela qual ele não estava a pressionar a caça Nazi com força suficiente: "A coisa Nazi é como uma luta entre democratas e republicanos". O New York Times fez uma manchete desta citação, e outros jornais de toda a América apanharam-na.

O ódio inconfundível, que lhe tinha sido dirigido durante esta conferência de imprensa, abriu finalmente os olhos de Patton para o que se encontrava em marcha. No seu diário, essa noite escreveu: "Há uma influência Semítica muito aparente na imprensa. Eles estão a tentar fazer duas coisas: primeiro, implementar o comunismo, e segundo, fazer com que todos os homens de negócios de ascendência Alemã e antecedentes não judeus são expulsos dos seus empregos. Perderam completamente a concepção Anglo-Saxónica de justiça e sentem que um homem pode ser expulso porque outra pessoa diz que é Nazi. Eles ficaram evidentemente bastante chocados quando lhes disse que não expulsaria ninguém sem a prova bem sucedida de culpa perante um tribunal. Outro ponto que a imprensa insistiu foi o facto de estarmos a fazer demasiado pelos Alemães em detrimento das PD's, a maioria dos quais são Judeus. Não pude dar a resposta a esta, porque a resposta é que, na minha opinião e na da maioria dos oficiais não políticos, é vital que construamos agora a Alemanha como um Estado tampão contra a Rússia. Na verdade, receio que tenhamos esperado demasiado tempo."

E numa carta da mesma data à sua esposa, "provavelmente estarei nas manchetes antes de receberes isto, pois a imprensa está a tentar mencionar-me como estando mais interessado em restaurar a ordem na Alemanha do que em apanhar Nazis. Não lhes posso dizer a verdade que, a menos que restauremos a Alemanha, garantiremos que o comunismo leva a América".

Eisenhower respondeu imediatamente ao protesto da imprensa contra Patton e tomou a decisão de o exonerar das suas funções como governador militar e "pontapeá-lo lá para cima" como comandante do 15º Exército. Numa carta dirigida à sua esposa a 29 de Setembro, Patton indicou que, de certa forma, não estava descontente com a sua nova missão, porque "gostaria muito mais do que ser uma espécie de carrasco da melhor raça da Europa".

Contudo, mesmo a sua mudança de funções não calou Patton. Na sua entrada no diário de 1 de Outubro encontramos a observação: "Ao pensar na situação, não pude deixar de ficar impressionado com a crença de que, neste momento, o registo imaculado do exército Americano para actividades não políticas está prestes a ser perdido. Todos parecem estar mais interessados nos efeitos que as suas acções terão no seu futuro político do que em cumprir o lema da Academia Militar dos Estados Unidos, "Dever, Honra, País". Espero que após a actual colheita de aspirantes políticos ter sido reunida, a nossa tradição anterior seja restaurada".

Patton continuou a expressar estes sentimentos aos seus amigos - e àqueles que ele pensava serem seus amigos. A 22 de Outubro, escreveu uma longa carta ao Major-General James G. Harbord, que estava de volta aos Estados Unidos. Na carta, Patton condenou amargamente a política Morgenthau; o comportamento destituído de coragem, de Eisenhower face às exigências judaicas; o forte favorecimento pró-Soviético na imprensa; e a politização, corrupção, degradação, e desmoralização do Exército dos EUA, que estas coisas estavam a causar.

Viu a desmoralização do Exército como um objectivo deliberado dos inimigos da América: "Tenho estado tão furioso como vós na compilação de mentiras que os elementos comunistas e Semíticos do nosso governo nivelaram contra mim e praticamente todos os outros comandantes. Na minha opinião é uma tentativa deliberada de alienar o voto dos soldados dos comandantes, porque os comunistas sabem que os soldados não são comunistas, e temem o que onze milhões de votos [de veteranos] fariam".

A sua denúncia da politização do Exército foi escandalosa: "Todos os oficiais generais dos escalões superiores recebem todas as manhãs do Departamento de Guerra um conjunto de manchetes americanas [do jornal], e, com a única excepção de mim, orientam-se durante o dia seguinte pelo que leram nos jornais..."

Na sua carta a Harbord, Patton revelou também os seus próprios planos para combater aqueles que estavam a destruir o moral e a integridade do Exército e a pôr



em perigo o futuro da América, ao não se opor ao crescente poder Soviético. "É o meu pensamento actual que quando terminar este trabalho, que será por volta do primeiro do ano, demito-me, não me reformarei, porque se me reformar ainda terei uma mordaza na minha boca. Não devo iniciar um contra-ataque limitado, o que seria contrário às minhas teorias militares, mas devo esperar até poder iniciar uma ofensiva total".

Dois meses mais tarde, em 23 de Dezembro de 1945, o General George S. Patton foi silenciado para sempre.

Impressão Número 53 da National Vanguard Tabloid, em 1977.